



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 19 - dezembro de 2017**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2017i19p229-252>

**Anacronismo e discurso da solidariedade humana: Borges em (sobre)  
*Poema conjetural***

**Anachronism and the discourse of human solidarity: Borges in (on)  
*Poema conjetural***

*Gustavo Ponciano Cunha de Oliveira\**

#### **RESUMO**

Em 4 de julho de 1943, Jorge Luis Borges publica *Poema conjetural*, texto que segue a consciência de Francisco Narciso de Laprida, personagem histórico da independência argentina, no momento de sua morte. O poema contém uma crítica política que, no entanto, está instalada nas sutilezas da simetria de datas (o golpe militar de 1943 deu-se em 4 de junho) e do uso de um anacronismo na conjectura de Laprida, o termo *sudamericano*. O presente artigo observa como Borges retomou, em conferência e entrevistas, seu *Poema conjetural* para agregar comentários que destacam o anacronismo e a crítica política nele sugeridos. Defendemos a ideia de que esses textos envelopantes revelam o desejo do autor de assinalar em seu poema a presença de um *pathos*, um discurso da solidariedade humana direcionada ao sul-americano. É na presença da ambivalência do discurso *em (sobre) Poema conjetural* que o anacronismo *poema histórico/poema contemporâneo* alcança potência máxima.

**PALAVRAS-CHAVE:** Borges; Anacronismo; *Pathos*; História política argentina; *Poema conjetural*

#### **ABSTRACT**

On July 4, 1934, Jorge Luis Borges published *Poema conjetural* a text that follows the consciousness of Francisco Narciso de Laprida, a historical character of the Argentinian Independence, in his deathbed. The poem embodies a political criticism that is, nevertheless, subtly built through the use of symmetrical dates (the 1943 coup d'état stars on June 4) and through the presence of an anachronism in Laprida's conjecture, the term *sudamericano*. This paper investigates how Borges revisits his poem, in a lecture and in interviews, to add comments that highlight the anachronism and its political criticism implied in it. The thesis is that the enveloping texts reveal the author's wish to

---

\* Universidade Federal de Goiás – UFG; Faculdade de Letras; Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, área de Estudos Literários – Goiânia – GO – Brasil – [gponciano.co@gmail.com](mailto:gponciano.co@gmail.com)



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 19 - dezembro de 2017**

point out the presence of a *pathos* in his poem, a discourse of human solidarity directed to South-Americans. It is in the ambivalence of the discourse, *in (on) Poema conjetural*, that the *historical poem/contemporary poem* anachronism reaches its full power.

**KEYWORDS:** Borges; Anachronism; *Pathos*; Argentine political history; *Poema conjetural*

Em 4 de julho de 1943, – exatamente um mês após o início do segundo golpe militar na Argentina do século XX, a Revolução de 43, que levaria Juan Domingo Perón à presidência da República três anos depois – Jorge Luis Borges publicou, no segundo caderno do periódico *La Nación*, seu *Poema conjetural*, texto que segue a consciência da personagem histórica feita ficcional Francisco Narciso de Laprida (1786-1829), morto no embate entre *unitarios* e *federales* na Argentina pós-independência.

O texto foi posteriormente recolhido em “Otros poemas” de *Poemas: 1922-1943*. Numa segunda edição da coletânea, *Poemas: 1923-1958*, a seção recebeu o nome de “Otras composiciones”, que foi remetida a *El otro, el mismo*, parte de *Obra poética: 1923-1964*. No intervalo, *Poema conjetural* ressurgiu na conferência “Aspectos de la literatura gauchesca”, proferida na Universidade de Montevideu, em 29 de outubro de 1945<sup>1</sup>. O poema integrava a incomum conclusão da apresentação de Borges, “Una declaración final”, excluída de “La poesía gauchesca”, ensaio recolhido em *Discusión* a partir da edição de 1957. Em 1950, a citada conferência de Borges foi publicada, em versão integral, pela *Editora Número*, de Montevideu.

*Poema conjetural* foi ainda tema em uma série de entrevistas concedidas a Antonio Carrizo entre julho e agosto de 1979 na Rádio Rivadavia, de Buenos Aires (BORGES; CARRIZO, 1982, p. 7). O poema foi debatido na quarta manhã, logo após a execução da leitura, em gravação, na voz do ator Ernesto Bianco. Recolhidas em livro, as sessões de entrevistas com Borges foram editadas em 1982 sob o título *Borges, el memorioso*. *Poema conjetural* é também tema do diálogo de número 64 que Borges travou com Osvaldo Ferrari. A série de 90 conversações foi transmitida pela Rádio Municipal de Buenos Aires entre março de 1984 e o segundo semestre de 1985. A sequência de entrevistas foi, semanalmente, publicada no jornal *Tiempo argentino*, antes de sua edição em livro sob o título *En dialogo*, em 1985.

A investigação que se segue tem como gatilhos essa insistente reaparição de *Poema conjetural* e o fragmento de “La poesía gauchesca” no qual Borges aponta um anacronismo impossível a Hilario Ascasubi (1807-1875):

Ascasubi, em *La refalosa*, apresenta o pânico normal dos homens prestes a ser degolados; mas evidentes razões de data lhe vetaram o

<sup>1</sup> A conferência é a versão revisada de dois ensaios, “El coronel Ascasubi”, editado pela primeira vez na revista portenha *Sur*, ano 1, n. 1, de janeiro de 1931, e recolhida na primeira edição de *Discusión* (1932); e “El ‘Martín Fierro’”, que aparece em *Sur*, ano 1, n. 2, de maio de 1931. Com modificações, a conferência gerou a versão final de “La poesía gauchesca”, da edição de 1957 de *Discusión* (FERNANDES, 2005).

anacronismo de praticar a única invenção literária da guerra de 1914: o patético tratamento do medo. Essa invenção – paradoxalmente preludiada por Kipling, tratada depois com delicadeza por Sheriff e com boa insistência jornalística pelo concorrido Remarque – ficava fora de mão para os homens de mil oitocentos e cinquenta. (BORGES, 2008, p. 22)<sup>2</sup>.

O patético tratamento do medo (que identificamos com o discurso da solidariedade humana em Borges) é impossível a Ascasubi por questões estéticas (a capacidade contemplativa-descritiva como princípio) e ideológicas (sua “ira unitária”, segundo termos de Borges, direcionada a Juan Manuel de Rosas<sup>3</sup> e seus aliados). Em “La refalosa”, Ascasubi<sup>4</sup> (2009, p. 64), para atacar seus adversários políticos, delinea um quadro atroz na perspectiva do operador da brutalidade, um *mazorquero*<sup>5</sup> e *malo*

<sup>2</sup> “Ascasubi, en *La refalosa*, presenta el pánico normal de los hombres en trance de degüello; pero razones evidentes de fecha le prohibieron el anacronismo de practicar la única invención literaria de la guerra de mil novecientos catorce; el patético tratamiento del miedo. Esa invención –paradójicamente preludiada por Rudyard Kipling, tratada luego con delicadeza por Sheriff y con buena insistencia periodística por el concorrido Remarque– les quedaba todavía muy a trasmano a los hombres de mil ochocientos cincuenta.” (BORGES, 1974, p. 185).

<sup>3</sup> Juan Manuel de Rosas (1793-1877), “*el restaurador de las leyes*”. Caudilho, membro do *Partido Federal*, governador da província de Buenos Aires, com interregno, entre 1833 e 1840. Rufino Fombona (1981, p. 40) anota: “El argentino Rosas es conocido como el más feroz tirano de América”. É, de acordo com o ensaísta, um verdadeiro anacronismo em carne e osso no século XIX, um inquisidor medieval que “lanza sobre la aterrorizada sociedad bandas de asesinos” (p. 40). Seu lema era “¡Mueran los salvajes, feroces unitarios!”, referência aos membros do *Partido Unitario*, seus adversários políticos. Porém, segundo Fombona (1981, p. 181), “a él se debe la nación Argentina”: Rosas, segundo o pesquisador, foi fundamental por combater as oligarquias de Buenos Aires, de princípios monarquistas. Segundo anota Jorge Rivera (1977, p. 73), o *unitario*, integrante ou simpatizante do Partido Unitário, é o “miembro de la fracción unitaria, centralista, liberal y enemiga del gobierno de Rosas”.

<sup>4</sup> *Refalosa* ou *resbalosa* é uma dança peruana típica, que se difundiu por Chile e Argentina. Seu nome faz referência a passos com os quais os dançarinos simulam *escorregar*, *resvalar*. Alcançou a região platina durante o governo de Rosas. Os *mazorqueros* usavam o termo *refalosa* para referir-se à degola (ESTRELLA, 2004; SCHVARTZMAN, 1996, p. 95-96). No poema de Ascasubi fica sugerida a associação: posto de pé após ser golpeado, o unitário degolado *resvala*, escorrega no próprio sangue, antes de tombar. Em *El matadero*, finalizado em 1840 e publicado em 1871, o *unitario* Esteban Echeverría (1805-1851) faz referência à *refalosa*: “Un hombre, soldado en apariencia, sentado en una de ellas cantaba al son de la guitarra la resbalosa, tonada de inmensa popularidad entre los federales” (ECHEVERRÍA, 2000). De acordo com Rivera (1977, p. 73-74), o poema “La refalosa” integra a gazeta *Jacinto Cielo*, publicada em 1843, em Montevideu, onde Ascasubi permanecia exilado desde 1832. Em fevereiro daquele ano, as forças do general uruguaio Manuel Oribe (1792-1857), presidente constitucional da *República Oriental del Uruguay*, entre 1835 e 1838, iniciaram o *Sitio grande de Montevideo*, que só terminaria em outubro de 1851. Um grupo de unitários argentinos exilados formou uma legião militar em apoio aos sitiados. Os *unitarios* também apoiaram o general *colorado* Fructuoso Rivera (1784-1854), adversário de Oribe, o fundador do *Partido Blanco*, federalista e aliado de Rosas. “La refalosa”, de Ascasubi, representa uma ameaça neste contexto político. Segundo Leónidas Lamborghini (2003, p. 114), *federales* e *unitarios*, “como es sabido, se cometieron crímenes que llevaban ese triple sello (ferocidad, crueldad, horror), sólo que en las filas federales no hubo un poeta con la capacidad de convencer de que asesinos y perversos de esta laya militaban únicamente en el bando contrario. No hay ningún otro recurso con mayor fuerza de convicción que el arte”. Com o tratamento dispensado ao material, narrando o inenarrável, a arte de Ascasubi “rayó muy alto”, defende o pesquisador.

<sup>5</sup> *La Mazorca*, grupo paramilitar a serviço de Juan Manuel de Rosas (SARMIENTO, 1993, p. 150; p. 207; FOMBONA, 1981, p. 41). De acordo com Rivera (1977, p. 73), *mazorca* era o nome que os *unitarios* davam aos partidários de Rosas, especialmente aos membros da *Sociedad Popular Restauradora*.

*gaucho*<sup>6</sup>, cuja voz ameaçadora narra a degola, permeada pelo interesse político, como fonte de riso, troça e festa. O poema é a representação da tortura que rebaixa a vítima à situação de animal pronto a ser abatido, imobilizado e submetido, até a consumação do homicídio. A brutalidade revela-se não apenas na capacidade eufrástica do poema. Josefina Ludmer (2000, p. 150) destaca a barbárie do executor explicitada nos termos com os quais se refere ao corpo da vítima (os *pés* também são *patas*; o *pescoço* humano é também *cangote*, como no animal), ação de uma língua assassina.

Defendemos a proposta de que o anacronismo identificado por Borges como impossível a Ascasubi é articulado por ele em seu *Poema conjetural* e, especialmente, em seus seguintes comentários ao texto poético. Valendo-se de um recorrente tema da poesia gauchesca, a guerra civil pós-independência, Borges alcança um *pathos* (em alguns pontos semelhante àqueles presentes em Kipling e na poesia da guerra de 1914, citados no comentário a Ascasubi) ao abordar a situação política permeada por golpes de estado e ditaduras que assola o seu contemporâneo, o *sudamericano*.

Nossa proposta de leitura perpassa algumas etapas: 1) a defesa das ideias de que a presença do termo *sudamericano* na conjectura de Laprida é um anacronismo e que é concomitante à dificuldade de identificação dos elementos diversos sobrepostos (diferentes enunciações em um único enunciado), da ambivalência do tempo presente que configura o anacronismo; 2) a identificação de um desejo em Borges, diante dessa dificuldade, de enfatizar em seu discurso a ambivalência: poema histórico/poema

---

Segundo Di Meglio (2007), o que diferencia a *mazorca* da Sociedade Popular Restauradora (cujo símbolo era a espiga de milho) é a prática do assassino. Há diferentes hipóteses sobre a origem do nome do grupo. Uma garante que é um trocadilho ameaçador: *mazorca* / *más horca* (mais força) (FOMBONA, 1981, p. 40). Outra afirma que surgiu do desenho de uma espiga de milho (*mazorca de maíz*) no cartaz em que se anotava o “Hino dos restauradores”, escrito pelo poeta José Rivera Indarte, que, mais tarde, converteu-se em ferrenho opositor de Rosas (RIVERA, 1977, p. 73). É sugerida também a ideia de que a disposição dos grãos de milho na espiga simbolizava a união entre os restauradores. Há ainda a hipótese de origem no uso concreto: *mazorca* faz referência à espiga de milho introduzida no ânus dos inimigos nas sessões de tortura (DI MEGLIO, 2007).

<sup>6</sup> Segundo Josefina Ludmer (2000, p. 147-148), em Ascasubi, a divisão dos *gauchos* em bons e maus dá-se em três níveis: político, poético e militar. Os *federales* são não militares dirigidos por Rosas, que, apesar de militar, é um assassino imoral antes de tudo. Os rosistas são *gauchos* na acepção legal do termo: delinquentes. Sua linguagem é brutal. O inominado *mazorquero* em “La refalosa” representa ainda a dupla exploração a que é submetido o *gaucho* que apoia Rosas: a econômica (vaqueiro) e a política (assassino). Os *unitarios*, antirrosistas, por outro lado, são *gauchos* letrados, como o *gacetero* em “La refalosa”, e dirigidos por militares. “La fórmula de Ascasubi es: militarización extrema (el jefe es siempre militar), moralización extrema (el que sabe y puede educar es el cura, y los apellidos de los gauchos son siempre Cielo, Lucero, Santos), y despolitización extrema de la voz (del) ‘gaucho’” (LUDMER, 2000, p. 148). A politização do *gaucho* rosista revela-se em “La refalosa”: as técnicas de abate de animais são, no discurso ameaçador, ferramentas de persuasão e, finalmente, postas em prática, instrumento de morte aplicada aos antirrosistas. Domingo Sarmiento (1993, p. 211), ao descrever o que chama de inovações do governo de Rosas que fogem da “práctica inmemorial de los pueblos civilizados”, afirma que “el degüello, a cuchillo, erigido en medio de ejecución pública, viene de la costumbre de degollar las reses que tiene todo hombre en la campaña”.

contemporâneo; 3) a identificação da presença de um discurso da solidariedade humana na operação do anacronismo, especialmente após a interposição das enunciações envelopantes: “Una declaración final” e as entrevistas que Borges concedeu a Carrizo e Ferrari.

### 1 *Sudamericano, anacrônico*

*Poema conjetural* (BORGES, 1974, p. 867-868; 1999, p. 268-269; 2002, p. 226-227) apresenta três momentos distintos, ordenados em círculo. O primeiro é a cena da perseguição e fuga de Laprida, na qual a personagem se apresenta e delinea a situação de cerco e derrota a que é submetida. Encerra-se no ponto em que antecipa o quadro de seu próprio cadáver jazendo entre lamaçais. O segundo é o da conjectura de Laprida sobre a existência determinada por um destino. O terceiro momento retoma a cena de perseguição da abertura, com Laprida já dominado pelos inimigos: o poema se encerra no instante em que é degolado.

Laprida é tomado pela consciência de sua situação. Fugindo para o sul, no limite da cidade, assume: “[...] de sangue e de suor manchado o rosto, / sem temor ou esperança já perdido [...]”<sup>7</sup> (BORGES, 1999, p. 268). Ouve a aproximação do inimigo, sabe que está cercado; conjectura a cena de seu cadáver – “[...] a céu aberto jazerei nos charcos [...]”<sup>8</sup> (BORGES, 1999, p. 268). Assim como todos os outros trechos descritivos do poema, o quadro é imensamente menos detalhado que uma cena equivalente em *Ascasubi*. A disposição é para que Laprida incorra em reflexão tão lúcida quanto possível, que não seja apenas a vítima detalhadamente delineada em um retrato de brutalidade. É na capacidade reflexiva de Laprida ao longo do texto, mas especialmente no segundo momento do poema acima apontado, que está uma das características que lhe permitem suplantar “[...] o pânico normal dos homens em transe de degola” [...] <sup>9</sup> (BORGES, 1974, p. 185, tradução nossa), afastar-se da estética da brutalidade que Borges destaca em “La refalosa”. Em *Poema conjetural*, a morte é o momento de conjectura da vítima sobre sua existência, sobre o destino determinado.

No diálogo com Osvaldo Ferrari, Borges defende seu projeto. Refuta a aplicação de uma representação verossímil, que exigiria o pensamento descontínuo de Laprida, o

<sup>7</sup> “[...] De sangre y de sudor manchado el rostro, / Sin esperanza ni temor, perdido [...]” (BORGES, 2002b, p. 226).

<sup>8</sup> “[...] A cielo abierto yaceré entre ciénegas [...]” (BORGES, 2002b, p. 227).

<sup>9</sup> “el pánico normal de los hombres en transe de degüello”.

monólogo interior: “[...] é melhor supor que ele pôde ver tudo isso com relativa serenidade que corresponde à poesia, e com as frases mais ou menos bem construídas [...]”<sup>10</sup> (BORGES; FERRARI, 2009, p. 46). Ferrari então sugere a leitura da presença de um destino que, mesmo cósmico, tem a coerência como um de seus atributos. Em resposta, Borges suspende o argumento cósmico apresentado pelo interlocutor e defende a ideia assombrosa de vida determinada por um destino pré-fixado, o eixo sobre o qual se sustenta a conjectura de Laprida:

Não sei se cósmico, mas sim está predeterminado. Agora, isso não significa que haja algo ou alguém que o predetermine; quer dizer que a soma de efeitos e causas é, talvez, infinita e que estamos determinados por essa ramificação de efeitos e de causas. É por isso que não acredito no livre arbítrio. Então, esse momento seria o último e teria sido determinado por cada passo que Laprida deu desde que começou sua vida. (BORGES; FERRARI, 2009, p. 47)<sup>11</sup>.

Essa explicação de Borges não modifica a reflexão sobre destino que há no próprio poema (o mesmo não ocorre quando o autor debate o termo *sudamericano*). A presença da discussão sobre destino no texto poético faz *Poema conjetural* suplantar “o pânico normal dos homens em transe de degola”. Mas este ainda não é argumento suficiente à defesa da presença do patético tratamento do medo (do discurso da solidariedade humana) no poema e em seus textos envelopantes, o que só será alcançado quando o anacronismo for devidamente analisado.

Segundo Manuel Ferrer (1971, p. 86), o título da coletânea *El otro, el mismo*, a definitiva casa de *Poema conjetural*, aponta um desdobramento que, pela negatividade, marca o que já era apreensível nos textos poéticos do autor: “[...] a básica e radical identidade do poeta Borges com o homem Borges, diferentemente das outras projeções literárias”<sup>12</sup> (FERRER, 1971, p. 86). *El otro* no título é sinal de uma exceção: Borges opera nos poemas da seção “Otras composiciones”, mas especialmente em *Poema conjetural*, o que Ferrer (1971, p. 87) chama de “anulação do autor”. Borges “[...] deixou de ser ele para começar a ser seus personagens”. O restante de *El otro, el mismo*

<sup>10</sup> “[...] es mejor suponer que él puede ver todo esto con la relativa serenidad que corresponde a la poesía, y con las frases más o menos bien construidas [...]” (BORGES; FERRARI, 2005, p. 33).

<sup>11</sup> “Yo no sé si cósmico, pero que está prefijado sí. Ahora, eso no quiere decir que haya algo o alguien que lo prefije; quiere decir que la suma de efectos y de causas es quizá infinita, y que estamos determinados por esa ramificación de efectos y de causas. Por eso descreo del libre albedrío. Entonces, ese momento sería el último, y habría sido fijado por cada paso que dio Laprida desde que empezó su vida.” (BORGES; FERRARI, 2005, p. 34).

<sup>12</sup> São nossas as traduções de Ferrer (1971).

destoa desta anulação destacada por Ferrer<sup>13</sup>. Mesmo que a ideia de “radical identidade” entre o poeta Borges e o homem Borges, defendida por Ferrer, seja passível de dúvida ou digna de investigação, o juízo do pesquisador fornece uma perspectiva destacável: a de que Laprida conjectura, inserido em seu contexto histórico, mas ainda acessando os temas caros a Borges; é “[...] um aproveitamento do personagem enaltecido e de suas condições históricas, para melhor impregná-lo dos desejos ocultos e dos pesadelos intelectuais de seu criador”<sup>14</sup> (FERRER, 1971, p. 87). Além do embate político pós-independência, o poema trata do *instante infinito*, “[...] uma das mais obsessivas ideias de Borges [...]”<sup>15</sup>, aponta Ferrer (1971, p. 88). Nos parece que esse desdobramento evidenciado por Ferrer ajuda a destacar a peculiaridade do anacronismo que apontaremos no texto de Borges.

Chamamos a atenção para a dificuldade de identificação, em *Poema conjectural*, dos elementos diversos sobrepostos (diferentes enunciações em um único enunciado), a ambivalência do tempo presente necessária à configuração do anacronismo. Essa dificuldade dá-se pela sutileza de sua apresentação: um único termo, *sudamericano*, instaura o anacronismo: “[...] porém me endeusa o peito inexplicável / um júbilo secreto. Por fim me vejo / com meu destino sul-americano [...]”<sup>16</sup> (BORGES, 1999, p. 268). Pensemos em um hipotético leitor que, em 4 de julho de 1943, consciente de que o golpe militar acabara de completar um mês, abre *La Nación* e depara-se com a palavra *sudamericano* ao ler a conjectura do histórico Laprida feito personagem.

Para que este leitor alcance o anacronismo será necessária uma percepção que supere três possibilidades de leitura: 1) o termo *sudamericano* refere-se exclusivamente ao tempo de Laprida: é o período dos caudilhos; 2) o termo *sudamericano*, que marca o destino de Laprida, refere-se exclusivamente ao tempo de Borges, contemporâneo do leitor: é o período dos golpes militares na América do Sul; 3) o termo *sudamericano* concerne, com igual valor, ao tempo de Borges, já apontado, e ao de Laprida, o das guerras civis na Argentina: seriam ambos “sul-americanos”, pela equivalência das agressões. Viveram, Borges e Laprida (valendo-se o leitor da dicotomia sarmentiana), períodos de civilização e barbárie; *ou* seriam ambos “sul-americanos” porque os

<sup>13</sup> A diversidade (ou a ausência de uma rígida unidade estética) é destacada por Borges no prólogo da coletânea: “Este libro no es otra cosa que una compilación. Las piezas fueron escribiéndose para diversos *moods* y momentos, no para justificar un volumen” (BORGES, 1974, p. 857).

<sup>14</sup> “[...] un aprovechamiento del personaje ensalzado y sus condiciones históricas, para mejor imbuir en él los anhelos ocultos y las pesadillas intelectuales de su creador”.

<sup>15</sup> “[...] una de las más obsesivas ideas de Borges [...]”.

<sup>16</sup> “Pero me endiosa el pecho inexplicable / Un júbilo secreto. Al fin me encuentro / Con mi destino sudamericano” (BORGES, 2002, p. 227).

caudilhos, nas províncias argentinas do século XIX ordenadas pelos *federales*, são idênticos aos ditadores militares do século XX. Aqui a identificação do anacronismo é impedida pela ausência da ambivalência.

Para iniciar a busca pela apreensão do anacronismo, o leitor em 4 de julho de 1943 precisaria se perguntar: como o *unitario* Laprida, morto em 1829, durante a guerra civil argentina, dadas as circunstâncias políticas de seu país, vale-se do termo *sul-americano* – e não *platense* ou *rioplatense* – para referir-se a seu próprio destino?

Para agora elaborar essa questão, partimos, obviamente, da sugestão de anacronismo dada pelo próprio Borges nos comentários que fez a *Poema conjetural*. Não defendemos a ideia de que a apreensão do anacronismo fosse antes impossível, mas que o ora laborioso exercício de leitura se torna mais claro depois de o próprio autor destacá-lo, valendo-se de enunciações que envelopam seu poema como primeiro enunciado. Enfatizamos, ainda, que nosso objetivo não é simplesmente responder à questão anterior, ou seja, provar o anacronismo no emprego do termo *sudamericano*, mas evidenciar que o discurso patético por parte de Borges, o de crítica a certa cultura política, só alcança sua potência máxima quando esse mesmo anacronismo supera a aparência de *viñeta*<sup>17</sup>, com as enunciações posteriores que envelopam *Poema conjetural*.

O primeiro possível argumento que surge como tentativa de resposta ao exercício de leitura que é a questão acima apresentada é o de que o Congresso de Tucumán, presidido justamente por Laprida, sancionou a independência e foi a Assembleia Constituinte das *Provincias Unidas en Sud-América*, evento que resultaria na formação da atual República da Argentina. Assim se explicaria o uso do adjetivo *sudamericano* por Laprida para referir-se a seu próprio destino.

Porém, se o emprego do termo se ligasse de alguma forma à ideologia que envolvia o Congresso de Tucumán, que justificou o nome escolhido para o território que declarava sua independência, Laprida estaria se referindo a um destino associado à emancipação da Espanha, ao temor da fragmentação similar ao de antes da colonização<sup>18</sup>, à ideia da possibilidade de governabilidade (ainda nos moldes coloniais) por parte dos *criollos*, à defesa do antigo subalterno (de fato, as elites locais), que agora se percebe igual ou superior ao colonizador. Por isso, dentre as várias sugestões propostas, os membros do congresso optaram por um nome que marcava a pretensão do

<sup>17</sup> Assim, em “Una declaración final”, Borges classificou seu poema, como veremos em breve.

<sup>18</sup> O Vice-Reino do Rio da Prata era formado por territórios que hoje pertencem a Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Brasil, Peru, Chile, além das Ilhas Malvinas.

território mais amplo, e não *Provincias Unidas del Río de la Plata en Sud-América*, adotado em 1924 e 1925, substituído por *República Argentina* na promulgação da constituição de 1926<sup>19</sup> (KAEMPFER, 2007).

Assim, o hipotético uso do termo *sudamericano* pelo histórico Laprida, mesmo como fracasso da empresa original imaginada no Congresso de Tucumán, não faria qualquer menção a uma ideia de grupo formado por povos ou nações independentes na América do Sul, algo como um rascunho do conceito que nós e nossos contemporâneos, em maior ou menor grau desavisados, intentaríamos delinear ao perceber o termo *sudamericano* em *Poema conjetural*.

No poema de Borges, o contexto em que Laprida morre é diverso da cena acima esboçada: apesar de o Congresso de Tucumán ser aludido em “[...] eu, Francisco Narciso de Laprida, / cuja voz declarou a independência / destas cruéis províncias, derrotado [...]” (BORGES, 1999, p. 268), é no embate entre *federales* e *unitarios* que se dá o assassinato de Laprida. Portanto é necessário continuar a interrogar o que é o qualificativo *sudamericano* que marca o destino de Laprida no poema de Borges.

Ao longo de dois séculos de história de independência americana, nunca foi uniforme o significado da expressão *América do Sul*. Mesmo o termo *América*, sem qualificativos secundários, foi usado de forma ambígua: “América era, algumas vezes, sinônimo do conjunto do continente; em outras ocasiões, referia-se apenas às ex-colônias de Espanha e, até mesmo, apenas aos Estados Unidos” (SANTOS, 2014, p. 38). À época de Laprida, nas primeiras décadas do século XIX, Thomas Jefferson, Simón Bolívar e outros líderes hispano-americanos discursavam a reformulação do conceito de *América*, esvaziando-o da negatividade inculcada pelo colonizador, destacando as peculiaridades do modo de vida dos americanos, apontando suas características especiais e mesmo superiores em relação aos europeus (SANTOS, 2014, p. 37). Bolívar e outros integracionistas hispano-americanos não necessariamente incluíam em suas concepções os Estados Unidos e o Brasil (então única monarquia americana).

Segundo dados colhidos por Santos (2005; 2014), a expressão *América do Sul* apareceu pela primeira vez em *Lettres sur l’Amérique du Nord*, de Michael Chevalier, documento de 1836. Chevalier, um panlatinista, o usa em oposição a *América do Norte*:

<sup>19</sup> É interessante observar que o artigo 35 da Constituição Nacional da Argentina define como os nomes oficiais da Nação Argentina as denominações usadas a partir de 1810: *Provincias Unidas del Río de la Plata*, *República Argentina* e *Confederación Argentina*. Não há referência alguma às *Provincias Unidas en Sud-América*.

segundo sua tese, reflete-se na América a dupla origem da Europa, romana e germânica. A América do Sul de Chevalier equivale ao que hoje chamamos de América Latina, termo este que surgiu impresso pela primeira vez no poema *Las dos Américas* (1856), de Torres Caicedo (SANTOS, 2014, p. 28). Nos documentos referentes às relações diplomáticas, o termo *América do Sul* aparece pela primeira vez em 1844, em relatório da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Pelo inventário de nações, a Colômbia não integrava a América do Sul. No relatório de 1855, o termo, sob a perspectiva dos Estados Unidos da América e em equivalência à atual América Latina, fazia referência a todos os países abaixo do Rio Grande, que separa Texas e México, como pertencentes à América do Sul (SANTOS, 2005, p. 2). Assim, uma questão de data (um dos sentidos de anacronismo) impediria o emprego de *sudamericano* por Laprida.

O evento que resulta na morte de Laprida é descrito por Domingo Faustino Sarmiento (1991, p. 208) em *Recuerdos de provincia* (1850). Se a crítica especializada acerta ao apontar tal relato como fonte histórica para a composição de *Poema conjetural* (CARILLA, 1966; DE LA FUENTE, 2014), fica evidente que, caso pretendesse evitar o anacronismo, Borges deveria levar em consideração, na definição do destino de Laprida, as “questões que dividiam a República”<sup>20</sup> (SARMIENTO, 1991, p. 203), “as lutas entre os partidos”<sup>21</sup> (p. 204), o embate entre *unitarios* e *federales*. A morte de Laprida é, para Sarmiento (1991, p. 208), “[...] a perda do homem que mais honrou San Juan, sua pátria, e ante quem se curvavam as personagens mais eminentes da República”<sup>22</sup>. A manhã de 29 de setembro de 1929 é quando ocorre “a horrível tragédia de Pilar” (p. 205), “a vergonhosa catástrofe de Pilar”<sup>23</sup> (p. 208), um ataque surpresa dos *federales* durante período de paz acordada. O que está em jogo no discurso de Sarmiento não é o destino da América do Sul, mas o da iminência de a República Argentina tornar-se domínio do Partido Federal.

O fato é que, mesmo que o uso do termo *sudamericano* na conjectura de Laprida para referir-se a seu destino seja um anacronismo apenas em potência, o mais verossímil seria que o presidente do Congresso de Tucumán (hipoteticamente afeito ao conceito de *destino*) afirmasse que sua morte é uma fatalidade *unitaria*, *federalista* ou mesmo *platense*, quiçá *republicana*. Assim, estaria mais bem qualificado o destino do *unitario*

<sup>20</sup> “cuestiones que dividían la República”. São nossas as traduções de Sarmiento (1991).

<sup>21</sup> “las luchas de los partidos”.

<sup>22</sup> “[...] la pérdida del hombre que más honró a San Juan, su patria, y ante quien se inclinaban los personajes más eminentes de la República”.

<sup>23</sup> “la tragedia horrible del Pilar”; “la vergonzosa catástrofe del Pilar”.

que morre menos de três meses antes do *federalista* Juan Manuel de Rosas ascender ao poder na Província de Buenos Aires. Mas Laprida ainda é ficcional e a Borges são possíveis os anacronismos impossíveis a Ascasubi e ao presidente do Congresso de Tucumán porque, como Milton, que “[...] teme ter nascido tarde demais para a épica (longe demais de Homero, longe demais de Adão) [...]”<sup>24</sup> (BORGES, 2008, p. 143), exercita seus versos justamente a partir do posposto, do ponto de dissociação que caracteriza o contemporâneo, segundo Giorgio Agamben (2009, p. 58-59): aquele que não coincide perfeitamente com seu tempo é mais capaz de apreendê-lo.

## 2 A ambivalência enfatizada

Se pôr em jogo posições abertamente contraditórias é atitude avessa às práticas de um sistema ditatorial, identificamos a necessidade de Borges, em *Poema conjetural*, de manejar obliquamente sua insatisfação com relação à situação política de seu país como uma manifestação patética. O que pretendemos demonstrar a seguir é que, mesmo que tenha progressivamente se tornado mais cômodo para o autor revelar “o sentimento secreto em seu peito inexplicável”, Borges nunca abandonou certo grau de obliquidade ao tratar da relação de seu poema com a situação política argentina no momento de sua primeira publicação e nos anos que se seguiram.

O prólogo de *El otro, el mismo*, de 1964, não revela que *Poema conjetural* fez parte da conferência em Montevideu, que resultou no ensaio “La poesía gauchesca”. Não há nele, ainda, qualquer remissão a ideias apresentadas em “Una declaración final”, a breve reflexão que antecipa a leitura do poema na apresentação de 1945:

Não há na Terra um homem que secretamente não aspire à plenitude: a saber, a soma de experiências de que um homem é capaz. Não há homem que não tema ser defraudado de alguma parte desse patrimônio infinito. Ingenuamente pensaram certos filósofos que o homem aspira apenas ao prazer; também aspira a derrota, o perigo, a dor, o desespero, o martírio. Assim, farto de glória inútil, Oscar Wilde inicia um processo que lhe permitirá a prisão, para enriquecer-se de sombra... Vinte anos atrás, pôde suspeitar meu país que as indecifráveis divindades lhe haviam concedido um mundo benigno, irreversivelmente<sup>25</sup> distanciado de todas as antigas severidades. Então, o recorde, Ricardo Güiraldes evocava com nostalgia (e exagerava,

<sup>24</sup> “[...] teme haber nacido demasiado tarde para la épica (demasiado lejos de Homero, demasiado lejos de Adán) [...]” (BORGES, 1974, p. 264).

<sup>25</sup> Aqui, nos parece, ocorre um equívoco de transcrição no texto original: “irreversiblemente” seria o correto, e não “y reversiblemente”, como surge impresso.

epicamente) a dureza da vida dos tropeiros; a Francisco Luis Bernárdez e a mim, nos alegrava imaginar que na grande cidade de Chicago se metralhavam os contrabandistas de álcool; eu perseguia com vã tenacidade, com propósito literário, os últimos rastros dos *cuchilleros* das periferias. Tão calmo, tão incorrigivelmente pacífico, nos parecia o mundo que brincávamos com ferozes anedotas e deplorávamos “o tempo de lobos, tempo de espadas” que haviam alcançado outras gerações mais venturosas. Os poemas *gauchescos* eram, então, documentos de um passado irrecuperável e, por isso, agradável, já que ninguém sonhava que suas severidades poderiam regressar e nos alcançar.

Muitas noites se passaram sobre nós e aconteceu o que não ignoramos agora. Então compreendi que não havia sido negado à minha pátria o cálice de amargura e de fel. Compreendi que outra vez encarávamos a sombra e a aventura. Pensei que o trágico ano vinte voltava, pensei que os varões que se mediram com sua barbárie também sentiram estupor ante o rosto de um inesperado destino que, no entanto, não recusaram. Nesses dias escrevi esse poema. O darei como quem põe uma vinheta ao pé de uma página. (BORGES, 2002, p. 225-226, tradução nossa)<sup>26</sup>.

Chama a atenção, em “Una declaración final”, o fato de Borges, mesmo em Montevideu, não fazer menção direta aos governos militares, em especial ao golpe de 4 de julho 1943 (aludido na simétrica data da publicação em *La Nación*) e ao então presidente da Argentina, general Edelmiro Julián Farrell, que já havia convocado as eleições que, no ano seguinte, levariam Perón ao poder<sup>27</sup>. As menções são indiretas: “o

---

<sup>26</sup> “No hay en la tierra un hombre que secretamente no aspire a la plenitud: es decir, a la suma de experiencias de que un hombre es capaz. No hay hombre que no tema ser defraudado de alguna parte de ese patrimonio infinito. Candorosamente pensaron ciertos filósofos que el hombre sólo aspira al placer; también aspira a la derrota, al riesgo, al dolor, a la desesperación, al martirio. Así, harto de gloria inútil, Oscar Wilde entabla un proceso que le franqueará la prisión, para enriquecerse de sombra... Hace veinte años, pudo sospechar mi país que las indescifrables divinidades le habían deparado un mundo benigno, [irreversiblemente] alejado de todos los antiguos rigores. Entonces, lo recuerdo, Ricardo Güiraldes evocaba con nostalgia (y exageraba, épicamente) las durezas de la vida de los troperos; a Francisco Luis Bernárdez y a mí, nos alegraba imaginar que en la alta ciudad de Chicago se ametrallaban los contrabandistas de alcohol; yo perseguía con vana tenacidad, con propósito literario, los últimos rastros de los cuchilleros de las orillas. Tan manso, tan incorregiblemente pacífico, nos parecía el mundo, que jugábamos con feroces anécdotas y deplorábamos “el tiempo de lobos, tiempo de espadas” que habían logrado otras generaciones más venturosas. Los poemas gauchescos eran, entonces, documentos de un pasado irrecuperable y, por lo mismo, grato, ya que nadie soñaba que sus rigores pudieran regresar y alcanzarnos.

“Muchas noches giraron sobre nosotros y aconteció lo que no ignoramos ahora. Entonces comprendí que no le había sido negada a mi patria la copa de amargura y de hiel. Comprendí que otra vez nos encarábamos con la sombra y con la aventura. Pensé que el trágico año veinte volvía, pensé que los varones que se midieron con su barbarie, también sintieron estupor ante el rostro de un inesperado destino que, sin embargo, no rehuyeron. En esos días escribí este poema. Lo daré, como quien pone una viñeta al pie de una página”. *Cuchilleros* são criminosos que usam a faca (*cuchillo*) para roubar ou matar. “Una declaración final” inclui um fragmento, com variantes, do prólogo de Borges a *Recuerdos de provincia*, de Domingo Sarmiento, publicado em Buenos Aires, em 1944, e recolhido em *Prólogos con un prólogo de prólogos* (1975).

<sup>27</sup> Na conferência de 29 de outubro de 1945, Borges provavelmente falava sob os efeitos do “Día de la Lealtad”, quando, em 17 de outubro de 1945, realizou-se uma manifestação popular na Praça de Maio em

que não ignoramos agora”; “o cálice de amargura e de fel” (BORGES, 2002, p. 225) que então experimentava seu país. “Compreendi que outra vez encarávamos a sombra e a aventura” (p. 226), fazendo remissão às violentas disputas políticas do século XIX. Pela via negativa também fez referências à situação crítica da Argentina: o passado de 20 anos atrás (quando a aristocracia governava o país) era “um mundo benigno, irreversivelmente distanciado de todas as antigas severidades”; “Tão calmo, tão incorrigivelmente pacífico, nos parecia o mundo” (p. 225).

O acontecimento que então não se ignorava, complementa Borges, lhe trouxe uma reflexão: “Pensei que o trágico ano vinte voltava, pensei que os varões que se mediram com sua barbárie também sentiram estupor ante o rosto de um inesperado destino que, no entanto, não recusaram” (p. 226). Evidentemente, Borges não acreditou de fato que a *Anarquía del 1820* voltava; há, em sua reflexão, algo de uma retórica emocionada que inicia o esclarecimento da *conjectura*: Borges, diante do evento inominado (o golpe militar e, conseqüentemente, a cultura política a ele atrelada), projeta sua própria emoção nos históricos *unitarios*. Esse sentimento é de estupor, uma súbita incapacidade de reagir diante da surpresa – não há como recusar o “destino sudamericano”, de retrocesso e violência.

O apreço de Borges pelas histórias de personagens atônitos, que se conduzem a seu destino melancólico ou aniquilador<sup>28</sup>, manifesta-se não apenas no discurso de incapacidade de reagir diante do evento atroz e da ruína louvada – “porém me endeusa o peito inexplicável / um júbilo secreto. Por fim me vejo / com meu destino sul-americano”<sup>29</sup> (BORGES, 1999, p. 268) –, mas também na aura resignada que pretende dar a *Poema conjetural*, que, posto depois de sua conferência, tomaria a aparência de *vinheta*, uma ilustração ornamentada ao final do texto, como um guerreiro destituído de traços de heroísmo que foge e se esconde mesmo ciente da morte, mas que ainda precisa ser decifrado, especialmente por carregar no peito um júbilo secreto. O aspecto de menoscabo é vagamente sugerido ao longo da vida editorial de *Poema conjetural*, que

---

apoio a Perón, que, supostamente encarcerado, fora obrigado a renunciar após desentendimento com um dos líderes do GOU e da revolução de 43. Perón era então vice-presidente, secretário de Guerra e secretário do Trabalho e Previdência. O *Dia de la Lealtad* é, de acordo com Felipe Pigna (2006), o marco do peronismo.

<sup>28</sup> Alguns exemplos: Tom Castro em “El impostor inverosímil Tom Castro”, de *Historia universal de la infamia* (1935); Erik Lönnrot em “La muerte y la brújula”, de *Ficciones* (1941-1944); Aureliano em “Los teólogos”, de *El Aleph* (1949); Baltasar Espinoza em “El evangelio según Marcos”, de *El informe de Brodie* (1970); O homem em “1891” e “1929”, de *El oro de los tigres* (1972).

<sup>29</sup> “Pero me endiosa el pecho inexplicable / Un júbilo secreto. Al fin me encuentro / Con mi destino sudamericano” (BORGES, 2002, p. 227).

não mais apareceu junto à transcrição da conferência de 1945: “Una declaración final” foi definitivamente extirpada<sup>30</sup>.

Nos diálogos com Antonio Carrizo, após ouvir *Poema conjetural*, Borges comenta as possibilidades de um texto que transcreve os pensamentos de um homem prestes a morrer e, finalmente, discorre sobre outras ideias que, afirma, lhe ocorreram durante a escrita:

Eu sentia naquele momento a afronta da ditadura e pensei: “Nós pensamos durante tanto tempo... acreditamos que a América do Sul era outro país. Mas não. Nosso país é América do Sul também, e a segue tendo ditadores”. E então escrevi aquela linha, que não era, digamos, uma referência arcaico-antiga, quero dizer. Não, era o que sentimos todos naquele momento: *Enfim me encontro com meu destino sul-americano*. Todos nos encontramos com esse destino, naquele momento”. (BORGES; CARRIZO, 1982, p. 102, grifo no original)<sup>31</sup>.

Pela primeira vez, 36 anos depois da publicação em *La Nación*, Borges faz uma remissão direta à ditadura relacionando-a a *Poema conjetural*. Segundo seu argumento, o que une os países da América do Sul é a vilania de seus regimes ditatoriais, da qual não escapa a Argentina, que, um dia, imaginou-se diferente. No fragmento, o sentimento, as ideias e o destino de um único homem – Borges – assombrosamente tornam-se os de todos os homens, de todos os sul-americanos em todos os tempos (eu/nós). Mais que a anulação da personalidade enquanto unidade, presenciamos aqui o desdobramento que tende ao infinito, aquele que Borges localiza no projeto de Walt Whitman, que, “[...] com impetuosa humildade, quer se parecer com todos os homens”<sup>32</sup> (BORGES, 2008, p. 122), de todas as terras e de todas as épocas.

É relevante a manifesta *confusão* de Borges. Inicialmente assume que o verso que leva o termo *sudamericano* não é uma referência “arcaico-antiga”, remissão ao tempo de Laprida, mas ao tempo de seus contemporâneos – estes é que se encontravam com seu destino. Mas após Carrizo afirmar que compreendia a referência de outra

<sup>30</sup> O mesmo tema e algumas frases similares às de “Una declaración final” estão no poema “Mil novecientos veintitantos”, que integra *El hacedor* (1960).

<sup>31</sup> “Yo sentía en aquel momento la afronta de la dictadura y pensé: ‘Nosotros hemos pensado durante tanto tiempo... hemos creído que Sudamérica era otro país. Pero no. Nuestro país es Sudamérica también, y siegue teniendo dictadores.’ Y entonces escribí aquella línea, que no era, digamos, una referencia arcaica-antigua, quiero decir-. No, era lo que sentimos todos en aquel momento: *Al fin me encuentro con mi destino sudamericano*. Todos nos encontramos con ese destino, en aquel momento”. São nossas as traduções dos diálogos entre Borges e Carrizo (1982).

<sup>32</sup> “[...] con impetuosa humildad, quiere parecerse a todos los hombres” (BORGES, 1974, p. 250).

forma, Borges responde: “Não. O destino sul-americano era o destino que sofreu Laprida, que havia proclamado a independência da Argentina”<sup>33</sup> (BORGES; CARRIZO, 1982, p. 102). Em seguida, Borges reformula o raciocínio e identifica o anacronismo: “De modo que havia dois elementos. Eu estava escrevendo um poema, digamos, contemporâneo, e ao mesmo tempo estava escrevendo um poema histórico. Como se tudo se fundisse”<sup>34</sup> (p. 103). Borges, em sua leitura, aponta a ambivalência do tempo presente (histórico/contemporâneo) que configura o anacronismo. Essa “fusão” só é discursivamente possível porque diferentes enunciações (caudilhismo/ditadura militar) convivem em um único enunciado, o poema, especialmente no termo *sudamericano*.

A fala (pensamento conjectural) é de Laprida feito ficcional: nela, o mais relevante é o debate sobre o qualificado (*destino*), e não o qualificador – a reflexão que se segue ao verso em questão é tocante ao *instante infinito* e à predeterminação do destino, não sobre seu possível caráter sul-americano (BORGES, 2002, p. 227). A morte determina o *unitario* Laprida como opção frente à barbárie dos *federales*. Encontrar seu destino é instalar-se na eternidade como o letrado presidente do Congresso de Tucumán.

Tão secreto como o júbilo e tão inexplicável como o peito que o sente é o valor do termo *sudamericano*. Sem a revelação no próprio poema do que seu emprego adiciona à fatalidade de Laprida, ele tende a univocamente equivaler à brutalidade operada pelos *gauchos*/bárbaros, o homicídio a golpes de lança seguidos da degola em meio à luta pelo poder na Argentina pós-independência. Como já previamente debatido, o risco é de que a expressão *destino sudamericano* tenha apenas o valor de “morte violenta nos embates entre *unitarios* e *federales* no século XIX”.

A fala (composição poética) é de Borges. A reflexão sobre destino e instante infinito, realizada nos limites formais e estéticos determinados pelo poema, é dele. Há ainda a sutileza do qualificador *sudamericano*, que solicita o leitor que, com *La Nación* em mãos, ateu-se à ironia ligada à data de publicação (concernente a Borges, não a Laprida); ou solicita quem, anos depois, precisa assumir esta evidência (e mais, a de que Borges a tornou evidente ao envelopar seu texto). É impossível ao pesquisador dissimular os múltiplos anacronismos em jogo ao empreender sua leitura de *Poema conjectural*.

<sup>33</sup> “No. El destino sudamericano era el destino que sufrió Laprida, que había proclamado la independencia de la Argentina”.

<sup>34</sup> “De modo que había dos elementos. Yo estaba escribiendo un poema, digamos, contemporáneo, y al mismo tiempo estaba escribiendo un poema histórico. Como si todo se fundiera”.

### 3 Anacronismo e discurso da solidariedade humana

A fala de Borges evidencia certa dificuldade ao delinear o vínculo entre *destino* e *sudamericano*:

Há outra ideia minha – bom, minha no sentido de que eu a usei, não de que eu a tenha inventado – há um momento na vida de cada homem, no qual o homem sabe quem é. O homem vê seu destino. [...] É o momento crucial de sua vida. E Laprida pôde saber, também, que seu destino era morrer degolado ou lanceado pela barbárie; mas o soube naquele momento. E essa é a *perfecta forma que soube Deus desde o princípio*. De modo que há muitas coisas nesse poema. É um poema que se refere a Francisco Narciso de Laprida, e que se refere a tantos argentinos naquele momento. (BORGES, CARRIZO, 1982, p. 103, grifo no original)<sup>35</sup>.

A dificuldade (ausência de efetiva causalidade ao que segue a expressão *de modo que*; o anacronismo em *naquele momento*) liga-se ao fato de que a crítica de Borges à política argentina ocorre em um complexo exercício alusivo em seu poema. Em 4 de julho de 1943, por motivos parcialmente dedutíveis, Borges aplicou uma simetria (a das datas similares)<sup>36</sup> associada a um termo anacrônico, o que exigiu de seus leitores uma carga complementar às lacunas de seu texto. Há algo em *Poema conjetural* que já nasce como uma espécie de vinheta, como sugerido na leitura de “Una declaración final”. A alusão inclui a história pessoal de Borges. Essas qualidades conduziram o autor a uma necessidade: a de tornar cada vez mais evidente, ao longo dos anos seguintes à publicação de 1943, o que era aludido em seu poema de múltiplas faces.

A última enunciação de Borges acerca de *Poema conjetural* é o diálogo com Ferrari, realizado um ano antes da morte do autor. Evidencia-se na fala o interesse de Borges em remeter seus comentários com mais ênfase ao que não está no poema, a todo o vínculo que seu texto exigiu daquele leitor de 1943.

<sup>35</sup> “Hay otra idea mía –bueno, mía en el sentido de que yo la he usado, no de que yo la haya inventado– hay un momento en la vida de cada hombre, en la cual el hombre sabe quién es. El hombre ve su destino. [...] Es el momento crucial de su vida. Y Laprida pudo saber, también, que su destino era morir degollado o lanceado por la barbarie; pero lo supo en aquel momento. Y esa es la *perfecta forma que supo Dios desde el principio*. De modo que hay muchas cosas en ese poema. Es un poema que se refiere a Francisco Narciso de Laprida, y que si refiere a tantos argentinos en aquel momento”.

<sup>36</sup> Carilla (1963, p. 33) apresenta outra simetria de datas: “Laprida, muerto el 22-9-1829 / Buonconte, muerto el 11-6-1289”. Buonconte é o personagem do Purgatório da *Commedia* citado em *Poema conjetural*: “Como aquel capitán del Purgatorio / Que, huyendo a pie y ensangrentando el llano / Fue cegado y tumbado por la muerte / Donde un oscuro río pierde el nombre, / Así habré de caer. Hoy es el término” (BORGES, 2002, p. 226).

A estratégia da entrevista de Ferrari é diversa da dirigida por Carrizo: Borges comenta os versos de seu poema, lidos por seu interlocutor, interrompendo-o ao sabor da glosa. Assim, Ferrari cessa sua leitura em “pero me endiosa el pecho inexplicable / un júbilo secreto. Al fin me encuentro / con mi destino sudamericano”. Borges afirma:

Bom, esse é o melhor verso. Quando publiquei esse poema, o poema não era apenas histórico do passado, mas ainda histórico do contemporâneo; porque certo ditador acabava de assumir o poder, e todos nos encontramos com nosso destino sul-americano. Nós, que brincávamos de ser Paris, e que éramos, bom, sul-americanos, não? De modo que naquele momento os que leram isso o sentiram como atual: “Enfim me encontro / com meu destino sul-americano”. Sul-americano no sentido mais melancólico da palavra, ou mais trágico da palavra. (BORGES; FERRARI, 2005, p. 31, tradução nossa)<sup>37</sup>.

Borges mais uma vez localiza o anacronismo próprio ao seu texto (histórico do passado / histórico do contemporâneo). Intenta a decifração do termo *sudamericano*: é o mais melancólico e trágico que a palavra pode carregar. Borges não desconhecia a América do Sul<sup>38</sup>; sua surpresa não é político-geográfica ou cultural, mas patética e pessoal, como adiante se evidencia.

Na sequência, Ferrari sugere o caráter metafísico do *destino sudamericano* (obviamente, ao perceber no poema a ideia de que, além de premeditação divina, o destino de um sul-americano é o destino de todos): “[...] agora, todos sabemos que, em algum momento, vamos nos encontrar com nosso destino sul-americano”<sup>39</sup> (BORGES; FERRARI, 2009, p. 44). Ao que Borges, em sua resposta, mais uma vez, remete não ao mundo de Laprida no poema, mas à situação política que não estava explícita no original, mas apenas aludida:

Eu diria que já nos encontramos, e muito, não? (*ri*). O curioso é que também há uma tendência a isso, não é? Porque antes se pensava na América do Sul como um lugar muito distante e com certo encanto exótico. E agora não. Agora somos sul-americanos, temos que nos

<sup>37</sup> “Bueno, ése es el mejor verso. Cuando yo publiqué ese poema, el poema no sólo era histórico del pasado sino histórico de lo contemporáneo; porque cierto dictador acababa de asumir el poder, y todos nos encontramos con nuestro destino sudamericano. Nosotros, que jugábamos a ser París, y que éramos, bueno, sudamericanos, ¿no? De modo que en aquel momento quienes leyeron eso lo sintieron como actual: ‘Al fin me encuentro / con mi destino sudamericano’. Sudamericano en el sentido más melancólico de la palabra, o más trágico de la palabra”.

<sup>38</sup> Em um trecho de *Evaristo Carriego* (1930), Borges classifica a vida do poeta ensaiado como o “*harlot’s progress* sudamericano” (BORGES, 1974, p. 127).

<sup>39</sup> “[...] ahora todos sabemos que en algún momento nos vamos a encontrar con nuestro destino sudamericano” (BORGES; FERRARI, 2005, p. 32).

resignar a sê-lo e ser dignos desse destino que, afinal de contas, é o nosso. (BORGES; FERRARI, 2009, p. 44)<sup>40</sup>.

No sentido mais melancólico e trágico da palavra, ser sul-americano é estar sob o jugo de ditadores. Não é que a Argentina não pertencesse a América do Sul; é que Borges, em 1943, viu-se diante de uma autoridade insultuosa. A desordem se instalara, a tranquilidade seria afetada. Ao ver-se atacado, localizou seus símiles (entre eles, Laprida, assim como este é um símile de Buoncorte, da *Commedia*); todos, anteriores e contemporâneos a ele, experimentarão o triste destino de Borges:

Bem, um destino triste, não? Um destino de ditadores. Mas parece que, de alguma forma, estamos predestinados: nenhum continente gerou pessoas que quisessem ser chamadas de “O supremo entrerriano” como Ramírez; “O supremo”, como López, no Paraguai; “O grande cidadão”, como não sei quem, na Venezuela; “O primeiro trabalhador”, que não é necessário explicar. É muito estranho, isso não aconteceu nos Estados Unidos; provavelmente, houve algum ditador – acho que Lincoln foi um ditador –, mas não se enfeitou com esses títulos. Ou “O restaurador das leis”, que é mais estranho ainda: ninguém sabe quais foram essas leis e ninguém tentou averiguar; basta o título. Viria a ser um exemplo do que Huidobro chama de “Criacionismo”, não? Uma literatura que não tem nada a ver com a realidade. Restaurador das leis, que leis, que leis restaurou? Isso não interessa a ninguém. Parece que todos quiseram ter um *epiteto ornens*. (BORGES; FERRARI, 2009, p. 47-48)<sup>41</sup>.

Mais uma vez a interdição patética chama a atenção: “El Primer Trabajador” (Juan Domingo Perón), “que não é necessário explicar”, devidamente sucede “não sei quem na Venezuela” (Juan Crisóstomo Falcón). Borges sabe quem é a fonte de sua melancolia, mas não a nomeia; destaca o *pathos* pelo contraste. Nas conversações com

<sup>40</sup> “Yo diría que nos hemos encontrado ya, y demasiado, ¿no? (ríe). Lo curioso es que se tiende a eso también, ¿eh?; porque antes se pensaba en Sudamérica, en América del Sur, como en un lugar muy lejano, y con cierto encanto exótico. Y ahora no, ahora nosotros somos sudamericanos; tenemos que resignarnos a serlo, y ser dignos de ese destino, que al fin y al cabo es el nuestro” (BORGES; FERRARI, 2005, p. 32).

<sup>41</sup> “Y, un destino triste, ¿eh?; un destino de dictadores. Pero parece que estamos de algún modo predestinados: ningún continente ha dado personas que han querido que los llamen ‘El Supremo Entrerriano’ como Ramírez; ‘El Supremo’ como López en el Paraguay; ‘El Gran Ciudadano’ como no sé quien en Venezuela; ‘El Primer Trabajador’, que no es necesario explicar. Es muy raro, en los Estados Unidos no se ha dado eso; posiblemente hubo algún dictador –yo creo que Lincoln fue un dictador–, pero no se adornó con esos títulos. O ‘El Restaurador de las Leyes’, es más raro todavía: nadie sabe qué leyes fueron, y nadie ha tratado de averiguar tampoco; basta con el título nomás. Vendría a ser un ejemplo de lo que llama ‘Creacionismo’ Huidobro, ¿no?; una literatura que no tiene nada que ver con la realidad. ‘Restaurador de las Leyes’, ¿qué leyes?, ¿qué leyes restauró? Eso no le importa a nadie. Parece que todos han querido tener un *epiteto ornens*” (BORGES; FERRARI, 2005b, p. 34).

Fernando Sorrentino<sup>42</sup>, o interlocutor pergunta a Borges o que ele fazia no dia 17 de outubro de 1945, o *Día de la Lealtad*. Ele responde: “A verdade é que não me lembro” (BORGES; SORRENTINO, 2009, p. 80). Afirma achar estranha a versão de que Perón (refere-se a ele como “ditador”)<sup>43</sup> fora preso porque, “dado o caráter vingativo do homem”, certamente haveria retaliação. O *Día de la Lealtad* foi mera encenação, defende Borges; a reação patética de Borges é suficiente para fazê-lo tergiversar.

Não é possível apontar todos os motivos que levaram Borges a abrir-se com mais ênfase no diálogo com Sorrentino, mas um deles é evidente: o interlocutor interpõe perguntas diretas e claras ao autor de *Poema conjetural*, o que não ocorre nos outros dois diálogos. “O que representaram para o senhor os anos do governo Perón?” (BORGES; SORRENTINO, 2009, p. 80); Borges responde:

A verdade é que eu procurava pensar o menos possível em política. No entanto, da mesma maneira que uma pessoa que tem uma dor de dentes pensa na dor no momento em que acorda, ou um homem que foi abandonado por uma mulher pensa nessa mulher quando passa do sonho para a vigília, eu pensava assim todas as manhãs: “Esse homem, de cujo nome não quero me lembrar, está na Casa Rosada.” E eu sentia tristeza e, de certa forma, sentia também remorso, porque pensava no fato de não fazer nada, ou fazer muito pouco... O que eu podia fazer? Mencioná-lo nas conferências que fazia, sempre com ironia (não podia fazer outra coisa, não me sentia capaz de fazer outra coisa)... Tudo isso me entristecia. Ao mesmo tempo, senti como alguma coisa triste, mas também honrosa, o fato de que minha mãe, minha irmã, um de meus sobrinhos e muitos amigos meus tenham sido

<sup>42</sup> As sete conversações entre Borges e Sorrentino foram gravadas em fita magnética, em 1972, e publicadas como livro na Argentina em 1974. Porém, afirma Zlotchew (2010, p. vii-viii), devido às declarações políticas de Borges, as cópias só foram distribuídas comercialmente em 1976, após a queda de Isabelita Perón da presidência da República, em 24 de março. Há uma única menção a *Poema conjetural* nos diálogos com Sorrentino. Nela, Borges o compara a outro de seus poemas de influxo *gauchesco*, “El general Quiroga va en coche a muere”, de *Luna de enfrente* (1925). Destaca, como qualidades do poema de 1943, a economia na *cor local* e a consciência de Laprida como o texto estabelecido. Consideramos algumas menções a Perón que surgem na entrevista concedida a Sorrentino.

<sup>43</sup> O que fica sugerido nos textos e entrevistas de Borges e nas afirmações de seus biógrafos é que sua absoluta repulsa a Perón e ao peronismo apresentava duas frentes: uma ética-política, primordial, e outra pessoal-patética, quando se sentiu, de alguma forma, atacado pelo governo de Perón. O peronismo, para Borges, era a versão argentina do fascismo, vínculo efetivo, já que Perón, em 1939 e 1940, estivera no exército fascista italiano (VÁZQUEZ, 1999, p. 188-189), experiência que o general associou a informações de assessores com conhecimento no sindicalismo espanhol para por em curso “[...] un plan más sutil [...]” (ROMERO, 1997, p. 97) de ascensão à presidência. José Luis Romero refere-se à escalada de Perón a partir do Departamento Nacional do Trabalho, logo convertido em Secretaria de Trabalho e Previdência, com hierarquia ministerial. Mas é a fração patética e pessoal dessa relação que leva Borges a drásticos posicionamentos, como a aproximação, ainda que temporária, a outros regimes militares golpistas, que depuseram os peronistas do poder. São diversas as declarações de aversão a Perón e ao peronismo feitas por Borges, aos quais chamava de “ditador” e “ditadura”, apesar de Perón ter alcançado a presidência por três oportunidades, todas por meio do voto popular.

presos durante aquele período. (BORGES; SORRENTINO, 2009, p. 80)<sup>44</sup>.

O sentimento de Borges é comparável às dores física e psicológica. Sua fonte, apesar de conhecida, é inominável (mesmo que, em todas as entrevistas aqui citadas, pronuncie o nome de Perón em outros trechos). Mais uma vez, o sentimento de fraqueza e de quase incapacidade de reação é evidenciado. A honra destacada está na percepção de que a perseguição que sofrem Borges e sua família o marca como diverso ao regime militar, golpista. Na sequência do diálogo com Sorrentino, Borges revela que, apesar de não ter sido preso, foi vigiado pelo regime de Perón. Acabou se aproximando do detetive, que, segundo sua narrativa, declarou-se também antiperonista. Combinaram de encontrar-se, em dias alternados, para conversar sobre assuntos diversos, entre eles a política, da qual tinham concepções parecidas (BORGES; SORRENTINO, 2009, p. 80-81). Apesar de não estar associada a *Poema conjectural*, essa reflexão de Borges parece dar o arremate às leituras dos diálogos com Carrizo e Ferrari.

O transe de Laprida diante da morte permite a Borges a reflexão patética: alguém que, frente à atrocidade (um ataque em tempos de paz), percebe sua capacidade de reação minada. Foge ao *sul* (recorrente espaço de reflexão sobre os limites humanos em Borges), não necessariamente amedrontado, mas melancólico. A fuga o extravia do caráter heróico em direção à ponderação sobre a vida e a morte subordinadas ao contexto em que se inserem. Se há resignação, há também júbilo em atribuir seu fim trágico a um destino pré-determinado com o consentimento divino: ser destruído pelos inimigos é estabelecer-se como o diverso, é inscrever-se como a outra opção. O sul de Laprida, como o de Borges, é o de um intelectual afrontado. “[...] Eu que almejei ser outro, ser um homem / de sentenças, de livros, de ditames [...]”<sup>45</sup> (BORGES, 1999, p. 268) – ele finalmente encontra-se com sua sorte. Não há, assim, derrota para Laprida/Borges. Há *pathos* no destino porque a sina de um homem é a manifestação do sentido trágico da existência humana; porque refletir sobre este destino é pensar nos recorrentes erros humanos que levam à ruína a própria humanidade.

<sup>44</sup> Na terceira manhã de conversações com Carrizo, Borges, depois de recordar dois versos da irmã, Norah Borges, afirma: “E quero dizer também... – evidentemente, ninguém agora se lembra dessas coisas – que minha irmã e minha mãe foram honrosamente presas durante a ditadura (sorri)” (BORGES; CARRIZO, 1982, p. 75).

<sup>45</sup> “[...] Yo que anhelé ser otro, ser un hombre / De sentencias, de libros, de dictámenes [...]” (BORGES, 2002, p. 226).

## Conclusão

No que concerne a *Poema conjetural* e às enunciações que o envelopam, não é possível aproximar ou afastar o homem Borges do poeta Borges. Em suas entrevistas, há a configuração do discurso emocionado que faz uso de estratégias similares às do texto literário: a interdição do nome “Perón” e a insistência em não indicar os agentes institucionais de sua tristeza; a comparação que faz equivaler sua melancolia à soma das dores física e psicológica; a oximórica realização da honra na derrota; a aparência de eternidade forjada na ideia de que o destino de um único homem é o destino de todos os sul-americanos.

Apesar de *Poema conjetural* ter vida própria, essa existência foi constantemente associada por Borges a outros textos. Há, no “melhor verso”, o essencialmente anacrônico, outra face do *pathos* que foi gradualmente intensificando-se. Os exercícios de anacronismo efetuados por Borges sobre seu próprio poema concretizam o desejo de que aquele aludido sentimento compartilhado, vivido por um hipotético e atento leitor do poema em 4 de julho de 1943, não passe despercebido pelo sempre contemporâneo leitor de tempos posteriores.

Em uma singular nostalgia do futuro, Borges encerra o diálogo com Ferrari: “devemos ser fiéis a essa esperança, mesmo que, talvez, nos exija algum esforço. Que outra esperança temos? Acreditar na democracia, por que não?”<sup>46</sup> (BORGES, 2009, p. 48). Borges é um contemporâneo como o delineado por Agamben (2009, p. 65-66): intempestivo, instalado na fratura do tempo cronológico, o poeta vê seu tempo pelo anacronismo, a “forma de um ‘muito cedo’ que é também, um ‘muito tarde’, de um ‘já’ que é, também, um ‘ainda não’”. O presente de seu tempo não é apenas o mais distante; é o interdito encarnado na ambiguidade de tempos presentes de Borges/Laprida.

---

<sup>46</sup>“debemos ser fieles a esa esperanza, aunque quizá nos cueste algún esfuerzo. ¿Qué otra esperanza tenemos?; creamos en la democracia, por qué no” (BORGES, FERRARI, 2005b, p. 34). No prólogo de *La moneda de hierro* (1976), Borges (1989, p. 121-122) escreve: “Me sé del todo indigno de opinar en materia política, pero tal vez me sea perdonado añadir que descreo de la democracia, ese curioso abuso de la estadística”. A descrença de Borges na democracia está diretamente ligada ao recorrente triunfo do peronismo nas eleições argentinas. Um contundente ataque dá-se em entrevista publicada na revista portenha *Siete días*, em 23 de abril de 1973. Borges (1997, p. 53) afirma: “Yo pienso que el país está en decadencia desde la Ley Sáenz Peña”, referência à lei argentina promulgada em 1912, que estabeleceu o voto secreto e obrigatório a todos os homens maiores de 18 anos, argentinos nativos ou naturalizados, habitantes do país. Segundo Borges, que se declara adepto do anarquismo de Spencer, “es absurdo que todo el mundo pueda votar e intervenir en el gobierno”. O desencanto com a democracia passa completamente apenas quando vê o Partido Justicialista, fundado por Perón em 1946, perder as eleições ao executivo nacional de 30 de outubro de 1983. A eleição de Raúl Alfonsín, da União Cívica Radical, foi a primeira derrota do peronismo nas urnas em disputa presidencial. Quando se realizam os diálogos com Ferrari, o presidente da Argentina é Alfonsín.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? In: \_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-73.
- ASCASUBI, H. La refalosa. In: VICUÑA, C.; LIVON-GROSMAN, E. (Org.). *The Oxford book of Latin American poetry: a bilingual anthology*. New York: Oxford University Press, 2009. p. 64.
- BORGES, J. L. *Obras completas: 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas: 1975-1985*. Buenos Aires: Emecé, 1989.
- \_\_\_\_\_. El pensamiento vivo de Borges. In: MATEO, F. (Org.). *El otro Borges: entrevistas (1960-1986)*. Buenos Aires: Equis, 1997. p. 49-63. Entrevista concedida a Andrés Oppenheimer e Jorge Laforgue.
- \_\_\_\_\_. O outro, o mesmo. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: 1952-1972*. Trad. Leonor Scliar-Cabral. São Paulo: Globo, 1999. p. 255-351.
- \_\_\_\_\_. *Textos recobrados: 1931-1955*. Barcelona: Emecé, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Discussão*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_; CARRIZO, A. *Borges, el memorioso*. Ciudad de México: Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- \_\_\_\_\_; FERRARI, O. *En diálogo*. Ciudad de México: Siglo veintiuno, 2005. v. 2.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Sobre a amizade e outros diálogos*. Trad. John Lionel O’Kuinghttons Rodríguez. São Paulo: Hedra, 2009.
- \_\_\_\_\_; SORRENTINO, F. *Sete conversas com Fernando Sorrentino*. Trad. Ana Flores. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.
- CARILLA, E. Un poema de Borges. *Revista Hispánica Moderna*, New York: Hispanic Institute in the United States, v. 29, n. 1, p. 32-45, jan. 1963.
- DE LA FUENTE, A. Conjectures on some literary sources of Jorge Luis Borges’ Poema conjetural. *Bulletin of Spanish Studies*, Oxford: Routledge, v. 91, n. 3, p. 399-417, 2014.
- DI MEGLIO, G. *¡Mueran los salvajes unitarios!*: La mazorca y la política en tiempos de rosas. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.
- ESTRELLA Federal. Centro de difusión tradicional Folklore y Pátria. *La resbalosa o refalosa federal*. 2004. Disponível em: <[http://www.folkloretradiciones.com.ar/articulos/clases\\_danzas/fa\\_023.htm](http://www.folkloretradiciones.com.ar/articulos/clases_danzas/fa_023.htm)>. Acesso em: 17 jul. 2017.

FERNANDES, F. Ss. Bibliografia Jorge Luis Borges, 1910-2003: relação cronológica dos textos e livros. *Fragmentos*, Florianópolis: UFSC, n. 28/29, p. 225-431, 2005.

FERRER, M. *Borges y la nada*. London: Tamesis, 1971.

FOMBONA, R. B. *Ensayos históricos*. Caracas: Ayacucho, 1981.

KAEMPFER, A. Para una lectura de la Declaración de Independencia de las Provincias Unidas en Sud América (1816): Colonialismo, subalternidades y políticas del nombre propio. *Decimonónica*, Logan: Utah State University, v. 4, n. 1, p. 36-51, 2007. Disponível em: <<http://www.decimononica.org/vol-4-1/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

PIGNA, F. *Los mitos de la historia argentina*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 2006. v. 3.

RIVERA, J. B. (Org.). *Poesía gauchesca*. Caracas: Ayacucho, 1977.

SANTOS, L. C. V. A América do Sul no discurso diplomático brasileiro. *Revista brasileira de política internacional*. Brasília: Instituto brasileiro de Relações Internacionais, v. 48, n. 2, p. 185-204, dez. 2005.

\_\_\_\_\_. *A América do Sul no discurso diplomático brasileiro*. Brasília: Funag, 2014.

SARMIENTO, D. F. *Recuerdos de provincia*. Caracas: Ayacucho, 1991.

\_\_\_\_\_. *Facundo*. Caracas: Ayacucho, 1993.

SCHVARTZMAN, J. *Microcrítica: lecturas argentinas (cuestiones de detalle)*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

VÁZQUEZ, M. E. *Jorge Luis Borges: esplendor e derrota*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ZLOTCHÉW, C. Translator's foreword. In: BORGES, J. L.; SORRENTINO, F. *Seven conversations with Jorge Luis Borges*. Philadelphia: Paul Dry, 2010. p. vii-xiv.

*Data de submissão: 09/05/2016*

*Data de aprovação: 15/05/2017*